



**A CERÂMICA E A ARQUEOLOGIA EM BELÉM/PA:
DESVENDANDO A INFLUÊNCIA DO PASSADO NA CONTEMPORANEIDADE**

***Pottery and Archeology in Belém / PA:
unveiling the influence of the past on contemporaneity***

Ana Carolina da Silva Brito de Azevedo
Universidade Federal do Pará. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia.
E-mail: anacarolinabrito020@gmail.com

Renata de Godoy
Universidade Federal do Pará. Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia.
E-mail: renata.godoy2@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v.1, n.12, p. 79-101, jan./jun. 2021

ISSN 2447-9837

RESUMO:

As cerâmicas e artesanatos com inspirações arqueológicas têm sido objeto de estudos para se analisar a relação entre vestígios de uma cultura material relacionada ao passado com as sociedades do presente. No presente trabalho o objetivo é identificar essa prática e comparar as técnicas de confecção das cerâmicas do passado e no presente a partir de ceramistas locais que se dedicam a tal produção. Esta pesquisa se construiu baseada em experimentos no laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Pará, da realização da pesquisa de campo na Loja de Artesanato Anísio, e na Feira do Paracuri, em Icoaraci (distrito de Belém/PA), bem como em entrevistas com um ceramista relacionado ao Museu Emilio Goeldi. A produção artesanal da cerâmica com inspirações arqueológicas ou com grafismos próprios possui um papel essencial na manutenção de uma identidade e de um saber ancestral que perdura até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE:

Turismo Arqueológico. Cerâmica. Amazônia. Belém.

ABSTRACT:

Archaeological inspired pottery and handicrafts have been the subject of studies to analyze the relationship between vestiges of a material culture related to the past with the societies of the present. In the present work, the goal is to identify this practice and to compare the techniques of past and present pottery making from the local ceramists who are dedicated to such production. This research was built based on experiments in the Archeology laboratory of the Federal University of Pará, the field research at the Anísio Handicraft Shop, and the Feira do Paracuri, in Icoaraci (district of Belém/PA), as well as in interviews with a ceramist related to the Emilio Goeldi Museum. The handicraft production of ceramics with archaeological inspiration or with new graphics plays an essential role in maintaining an identity and ancestral knowledge that remains to today.

KEYWORDS:

Archaeological Tourism. Pottery. Amazonia. Belém.



CERÂMICA ARQUEOLÓGICA À VENDA! UM SOUVENIR DIFERENTE

As cerâmicas com inspirações arqueológicas têm sido objeto de estudos importantes para se analisar a relação entre vestígios de uma cultura material do passado e as sociedades do presente. Alguns podem dizer que, de alguma forma, nós hoje nos “apropriamos” de conceitos referentes a esse passado, seja para legitimar uma identidade, seja para agregar valor mercadológico das peças comercializadas em alguns pontos comerciais de Belém e na região metropolitana.

No presente artigo, pretende-se apresentar um panorama geral dessas práticas, comumente presentes em pontos comerciais no município de Belém, capital do Pará. Estamos falando de um turismo nos limites do Brasil (Figura 1). E, mais ainda, de um consumo cultural em Icoaraci, que, em relação ao ambiente urbanizado de Belém, também é periférico (Figura 2). Partimos do pressuposto de compreender também as relações que os povos do presente (que ainda permanecem com a prática ceramista) possuem com as técnicas de confecção das sociedades ceramistas indígenas antigas, suas novas atribuições, dialogando com o passado e, certamente, recriando o presente (GODOY, 2017). Segundo Oliver (2004), o passado existe no presente e o presente, por sua vez, possui fragmentos do passado.

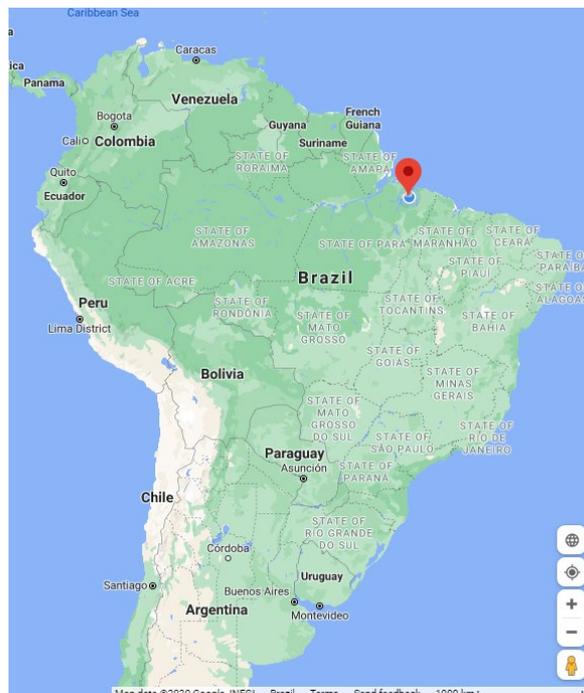


Figura 1 – Localização da área em estudo em relação ao Brasil

Fonte: Adaptado do Google em dezembro de 2020



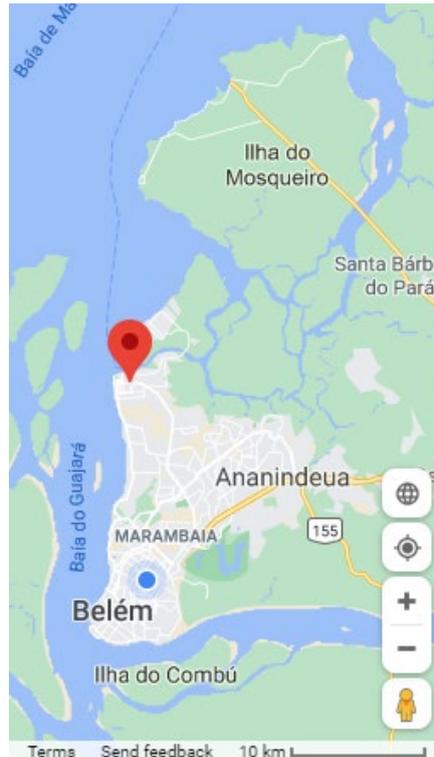


Figura 2 – Distrito de Icoaraci e sua localização no município de Belém/PA
Fonte: Adaptado do Google em dezembro de 2020

Na Amazônia, por exemplo, o patrimônio arqueológico tem características distintas e pode ser considerado monumental para bens do período pré-colonial (GODOY, 2015), o que se reflete na produção de cerâmica ornamental hoje com muita força. Alguns autores já se dedicaram a pesquisar sobre o papel da cerâmica com inspiração arqueológica para os artesãos que hoje se dedicam a ela (SALES, 2020), e para o mercado turístico local (SCHAAN, 2006).

Nesta pesquisa, o objetivo geral é comparar as técnicas de confecção das cerâmicas do passado e no presente. Inicialmente, foram realizadas atividades de gabinete, especificamente com o levantamento bibliográfico, focando no livro *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese* (BARRETO, LIMA; BETANCOURT, 2016), onde nos debruçamos especialmente sobre as classificações, análises e estudos sobre a cerâmica amazônica. A partir do estudo da cultura material, se passa a compreender a finalidade que aquele objeto possuía para um determinado povo, suas transformações durante os anos e sua reprodução pelos povos de diferentes culturas que hoje habitam a Amazônia. Mas como encontrar referências destas tradições no presente? Através de

perspectiva da Arqueologia Contemporânea, o que nos moveu foi a curiosidade. Será que encontramos mais elementos do passado nos objetos do presente, além daqueles decorativos?

Sentindo a necessidade de incluir outras leituras da área de arqueologia, principalmente, leituras que não se focassem apenas em conceitos técnicos da área, para que pudéssemos compreender outras formas do fazer arqueológico, nos desprendendo talvez da arqueologia dita *tradicional*, nos alinhando com a perspectiva de Gnécço (2012), de *arqueologias alternativas*. Nesta pesquisa, assim, buscou-se realizar uma análise que se opusesse a uma arqueologia cientificista. Andrade Lima (1986) foi fundamental para a compreensão e análise do processo de confecção das cerâmicas por povos indígenas do passado.

Realizamos o levantamento acerca dos locais de confecção e venda de cerâmica em Belém e optamos por focar a coleta de dados em dois lugares no distrito de Icoaraci: uma loja especializada em cerâmica, que também é uma oficina (Anísio Artesanato), e algumas lojas da feira de Artesanato do Paracuri. E realizamos entrevistas junto a alguns ceramistas do bairro do Paracuri, localizado no distrito de Icoaraci, que participam do projeto do Museu Emilio Goeldi *Replicando o Passado: socialização do acervo arqueológico do Museu Goeldi através do artesanato cerâmico de Icoaraci*, sobre o qual nos aprofundaremos mais no decorrer do artigo.

DESVENDANDO O PASSADO A PARTIR DE OBJETOS DO PRESENTE

A coleta de dados em gabinete e em campo foram realizadas, sempre considerando a disponibilidade de dados. A pesquisa utiliza como estratégias metodológicas a pesquisa bibliográfica, mapeamento espacial e descrição dos objetos identificados em cada ponto de venda. Tratou-se de uma pesquisa que visou caracterizar o fenômeno, utilizando dados primários (pesquisa de campo) e dados secundários (literatura), dentro de uma lógica antropológica (BERNARD, 2002).

Esse estudo se estruturou em pressupostos fundamentados na Etnoarqueologia que, segundo Silva (2009), é um campo da arqueologia que estuda as sociedades contemporâneas e sua conexão com a cultura material, trazendo para o campo arqueológico



elementos etnográficos que permitam uma interpretação do passado por meio das análises do presente. Segundo a mesma autora:

Em termos metodológicos, a pesquisa etnoarqueológica se desenvolve a partir de um conjunto de estratégias de natureza diversificada, mas complementares entre si. Essas estratégias metodológicas incluem a pesquisa bibliográfica e museográfica, a pesquisa experimental e a pesquisa de campo etnográfica (SILVA, 2009, p. 131).

Para além disso, na Etnoarqueologia não se trata de estabelecer analogias entre o passado e o presente, e sim observar, analisar e compreender influências e mudanças culturais ao longo do tempo, visto que as sociedades não podem ser compreendidas como “fósseis vivos”, estáticas no tempo (GOSSELAIN, 2016). Durante a pesquisa de campo, nosso estudo se preocupou com

o detalhamento das cadeias operatórias de produção dos itens materiais, descrevendo os processos tecnológicos desde a obtenção das matérias-primas até a confecção do produto final (...) sempre atento aos vestígios materiais resultantes de todos esses processos (SILVA, 2009, p. 132).

Para alguns pesquisadores, a Etnoarqueologia seria uma *Arqueologia do Presente*, uma possibilidade de compreensão das sociedades do presente e sua relação com a natureza e a materialidade e, portanto, não seria uma abordagem arqueológica exclusiva para a compreensão das sociedades do passado (GONZALEZ-RUIBAL, 2009). Ainda segundo o mesmo autor, a arqueologia do presente passa a contribuir para uma análise mais simétrica, concebendo o mundo material em articulação constante com as pessoas e as coisas. O uso da metodologia etnoarqueológica busca promover debates que auxiliem na compreensão de apropriações contemporâneas do passado e proporcionar, de forma multivocal, que as comunidades vivas contem suas próprias histórias e percepções sobre a materialidade apropriada (AGOSTINI, 2015).

Esta pesquisa se construiu com base em três momentos. Em um primeiro momento, fizemos uma oficina no Laboratório de Arqueologia da UFPA, onde analisamos tecnicamente objetos cerâmicos que foram adquiridos em lojas turísticas de Belém para este fim. Foram peças compradas em um dos pontos turísticos mais conhecidos da cidade, no Espaço São José Liberto, que possuía um espaço dedicado à exposição e venda de peças cerâmicas identificadas com uma placa como “arqueológicas”.

Depois, baseado em experimentos e pelas orientações bibliográficas e metodo-



lógicas, realizamos a pesquisa de campo na Loja Anísio Artesanato, e na Feira do Paracuri, ambos localizados no distrito de Icoaraci, em Belém. Em um segundo momento, realizamos a pesquisa de campo no Museu Emilio Goeldi, entrevistando um ceramista que participa do projeto *Replicando o Passado: Socialização do Acervo Arqueológico do Museu Goeldi através do Artesanato Cerâmico de Icoaraci*, coordenado pela Professora Helena Lima.

CERÂMICA DE ONTEM, CERÂMICA DE HOJE

Dentro da proposta de experimentações de quebra de algumas peças de cerâmicas vendidas em Belém, realizadas no laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), observamos se havia a presença de *antiplásticos* (elementos adicionados à pasta de cerâmica afim de proporcionar a resistência e aprimorar a capacidade térmica das cerâmicas), com o intuito de identificar esses elementos e observar se havia alguma técnica decorativa ou de acabamento de confecção dessas cerâmicas e comparar a técnica de manufatura com as técnicas presentes na bibliografia.

Realizamos a quebra e a análise no microscópio, onde se constatou que não havia a presença de nenhum *antiplástico* para a confecção das cerâmicas, só havia argila, o que nos mostra o distanciamento do processo de manufatura do passado e do presente (Figuras 3 e 4).



Figura 3 – Experiência em laboratório, LAANF/UFPA
Fonte: foto de Renata de Godoy em 05 nov. 2018



Figura 4 – Experiência em laboratório, LAANF/UFGA
Fonte: foto de Renata de Godoy em 05 nov. 2018

Após a experiência com as peças de cerâmicas contemporâneas no laboratório, fomos para a primeira visita de campo na loja *Anísio Artesanato* e na *Feira do Paracuri*, ambos no distrito de Icoaraci (Figura 5). Troufflard (2012) também indica a produção ceramista em Paracuri como uma atividade econômica significativa, com produção inspirada em cerâmicas arqueológicas marajoara, tapajônica, maracá e cunani. A reprodução de muiraquitãs em diversos tamanhos e materiais também é emblemática, e reflete uma influência marcante e atual destes artefatos na sociedade, atingindo uma popularidade que ultrapassa fronteiras étnicas, sociais e territoriais. Entendemos que tais dados demonstram claramente a necessidade de pesquisas arqueológicas mais aprofundadas, visto que o patrimônio está sendo utilizado como produto turístico, como um tipo de recurso cultural que agrega novos valores, reinventa tradições e cria novas formas de apropriação pelos públicos envolvidos.



Figura 5 – Reproduções de urnas Maracá em frente à feira de artesanato do Paracuri
Fonte: Foto de Ana Carolina da Silva Brito de Azevedo em 16 nov. 2018

Na loja, que também é uma olaria, fomos recebidas pelo proprietário, Anísio, que se mostrou um excelente interlocutor, respondendo todas as nossas perguntas e suprimindo as dúvidas. Anísio, que é baiano, comercializava cerâmica antes de se mudar para Icoaraci e aprender o ofício com alguns amigos, começou a vender o que produzia. Hoje em dia, a sua loja (Figuras 6 e 7) conta com mais de oito artesãos, que produzem e vendem réplicas arqueológicas, prática esta que teve início com Mestre Cardoso (SCHAAN, 2006).



Figura 6 – Anísio Artesanato, em Icoaraci, Belém/PA; interior
Fonte: Foto de Ana Carolina da Silva Brito de Azevedo em 16 nov. 2018



Figura 7 – Anísio Artesanato, em Icoaraci, Belém/PA; interior
Fonte: Foto de Ana Carolina da Silva Brito de Azevedo em 16 nov. 2018

As réplicas confeccionadas na sua loja são produzidas de forma manual, pois, segundo Anísio, precisam ser assim para que haja uma aproximação com o processo de confecção dos indígenas do passado e que, com isso, agrega valor à mercadoria. Eles utilizam a argila *in natura*, coletada distante do rio, em uma área alagada, no mesmo distrito. Anísio também nos relata que a tradição do processo de confecção de cerâmicas está se

perdendo, pois não é permitido crianças na olaria, em contrapartida, há nas escolas de ofícios e nas escolas de ensino fundamental do distrito disciplinas que abrangem a produção e confecção de réplicas de cerâmicas com mestres locais. Percebemos a influência da iconografia arqueológica não apenas nas cerâmicas (Figura 8).



Figura 8 – Anísio Artesanato, em Icoaraci, Belém/PA.
Detalhe do teto decorado no interior da loja, com motivos arqueológicos e amazônicos.
Fonte: Foto de Renata de Godoy, em 16 nov. 2018

Contudo, de acordo com o levantamento bibliográfico realizado, os indígenas do passado não utilizavam a argila na sua forma pura (ANDRADE LIMA, 1986), acrescentando de forma intencional substâncias que reduziam a sua plasticidade. Além disso, os indígenas utilizavam a técnica do *acordelado*, roletes de argila comprimidos e justapostos até atingir a forma do vaso desejada. Conforme a experiência da quebra de cerâmicas realizada no laboratório de arqueologia, constatamos que não há a presença de antiplásticos, que a reprodução das réplicas de cerâmicas possui um cunho estritamente estético e mercadológico, pois o ceramista se apoia de um valor cultural para agregar valor e consequentemente aumentar a sua relevância como produto (SCHAAN, 2006).

RÉPLICAS COM INSPIRAÇÕES ARQUEOLÓGICAS: MESTRE JOSUÉ PEREIRA

Com projeto iniciado em 2017, associações de artesãos de Icoaraci reiteram uma parceria de longa data com o Museu Paraense Emílio Goeldi, com o projeto *Replicando o Passado: Socialização do Acervo Arqueológico do Museu Goeldi através do Artesanato Ce-*

râmico de Icoaraci, coordenado pela Professora Helena Lima, que possui o objetivo de divulgar o acervo da instituição a partir da reprodução de réplicas e miniaturas inspiradas em peças selecionadas, mas também visando a potencializar a venda deste artesanato agregando valor ao produto final. O interesse institucional na reprodução de cerâmica com inspiração arqueológica comprova o forte apelo que a atividade gera na atualidade e indica a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada sobre a reprodução e a venda de artesanato com inspiração arqueológica e sobre suas repercussões.

Especificamos a coleta de dados com um mestre artesão, Josué Pereira que é ceramista, morador do distrito de Icoaraci, no bairro do Paracuri. Aprendeu a arte com o seu pai, sendo influenciado e não obrigado. Diz que, quando era criança, as etapas da confecção da cerâmica aguçaram sua criatividade e, desde os oito anos, é fascinado pela arte da modelagem ceramista. Primeiro, ele *brincava* de fazer cerâmica. Logo depois, ele iniciou na etapa em que se denomina de Nicação (termo técnico oriundo do Paracuri, que condiz com a etapa de acabamento do grafismo que é feito na superfície da peça de cerâmica) e segundo Josué, na entrevista concedida nas dependências do Museu Emilio Goeldi

Nessa etapa você vai pegando firmeza nas mãos, a coordenação motora vai se adaptando as retas, as curvas, que vai pedindo ali no acabamento. Quando você vê, você já tá gravando, já tá fazendo grafismo. Pelo fato de você visualizar tanto e fazer tanto aquilo lá (Josué Pereira, ceramista, morador do distrito de Icoaraci, no bairro do Paracuri).

Os métodos usados hoje por Josué são conectados a informações relacionados ao mundo da arte. A cerâmica está no futuro, para ele, o ceramista precisa desenvolver um design utilitário para que se atenda a novas demandas do mundo moderno. Criar meios de se gastar menos matéria-prima e aquele objeto ser útil para a comunidade. Segundo Souza (2010), no Paracuri, há uma forte presença da inovação quanto à confecção de novos modelos de cerâmicas para o mercado. Josué criou uma caneta feita de cerâmica e está com um projeto futuro de confeccionar um *pendrive*, sempre com o intuito de difundir a cultura ceramista do Paracuri, por meio da policromia e dos grafismos e ao mesmo tempo, tornar o objeto útil.

Com sua participação no projeto junto ao museu Goeldi, Josué possui o acesso à reserva técnica arqueológica, para que se reproduza réplicas idênticas. Segundo ele, a habilidade, conhecimento e prática proporcionam uma boa confecção de réplica. A sua



proposta é de utilizar pouca argila, se trabalhando em algo que possua um valor especial para a sociedade e vender esse produto. Desenvolve a cerâmica arqueológica própria em miniatura, se especializando nessa área. A técnica mais utilizada por ele é o *acordelado* (se cobra mais, trabalho produzido em um tempo maior e que exige uma habilidade maior), na qual se respeita as etapas. Quanto mais *antiplásticos* o ceramista colocar na argila, mais trabalho ele terá.

Réplicas com inspirações arqueológicas são mais *fáceis* para vender. Ele acredita que para se vender a cerâmica arqueológica, você precisa confeccioná-la do jeito que ela foi feita, para se agregar um valor, como bem demonstrou Schaan (2006). Para ele, o Paracuri é um ponto de referência de uma cultura que foi construída através das cerâmicas. Ele e os outros ceramistas que fazem parte do projeto, segundo seu relato, procuram fazer “o certo”; que é responsabilidade e dever replicar o passado da maneira ideal, “autêntica”. Segundo ele, com o contato com a original, a réplica vai com o carimbo do museu, com informações técnicas preciosas. A proposta foi realizar réplicas para o museu e para os próprios ceramistas, para que se criem uma coleção para construir um ponto de referência do projeto na comunidade local. O mestre possui um projeto de criar a sua própria marca, se espelhando no projeto do museu, atraindo um público turístico e realizando a manutenção da cultura ceramista.

DISCUSSÃO: ARQUEOLOGIA, CERÂMICA E TURISMO

O turismo então é hoje muito mais do que uma atividade econômica, é sim um fenômeno social, característico da sociedade industrial moderna, que está presente na vida de todos os que participam dela, mesmo nas diferenças de classes, grupos, etnias, nações (FIGUEIREDO, 1999, p. 51).

No Brasil, não houve uma manipulação do patrimônio arqueológico como símbolo de identidade nacional como em muitos países. Mesmo assim, a cada dia nota-se a arqueologia sendo reapropriada e ressignificada com sentidos e demandas atuais, institucionalmente e ainda mais instrumentalmente. Quanto a problemas de visibilidade, o turismo arqueológico já foi compreendido como uma ferramenta ideológica, de uso da arqueologia para benefício local e imediato, mas sem ações práticas a aproveitamento (GODOY, 2015). No caso de bens arqueológicos com maior apelo visual, existe um mercado relacionado,



mesmo no Brasil. Um exemplo muito emblemático disso é o uso da iconografia marajoara como um elemento de construção da identidade paraense, sendo a cerâmica arqueológica cada vez mais uma fonte de inspiração para artesãos da atualidade (SCHAAN, 2006), que direta e indiretamente é um dos produtos que faz parte da grande indústria do turismo.

O turismo étnico é uma das vertentes que explora a atividade em comunidades indígenas e tradicionais, e tem sido encorajado também em função da valorização do patrimônio e da melhora da autoestima de populações vivas, mais do que essencialmente em virtude da geração de renda. Em contrapartida, a possibilidade de melhoria econômica é ainda o maior chamariz da implantação turística, em qualquer modalidade. Podemos também pensá-lo para estes coletivos, que se formam através da troca de saberes, da manutenção de uma tradição cultural.

Uma abordagem muito popular na atualidade é o Ecoturismo, que prioriza um desenvolvimento sustentável, tão harmonioso social e ecologicamente a ponto de ser considerada uma filosofia, e não apenas uma modalidade turística. Apesar de ser sabido o quanto comunidades indígenas e tradicionais são vulneráveis aos impactos do desenvolvimento turístico, este mesmo fenômeno na forma do ecoturismo tem sido considerado a salvação delas em nível global, e ainda serve de alento para seus adeptos que se sentem geradores de benefício ambiental e social.

Uma contribuição significativa para os adeptos globais do ecoturismo foi a possibilidade de oferecer benefícios para comunidades remotas (...), benefícios que não envolvem ampla destruição social ou ambiental. Muitas vezes, no passado, as únicas oportunidades para diversas comunidades distantes dos centros urbanos, especialmente nos países em desenvolvimento, eram proporcionadas pelas indústrias extrativistas (...), que provocam impactos negativos maciços sobre as comunidades locais e deixavam, como legado inaceitável, dano ambiental de longo prazo (WEARING; NEIL, 2014, p. 137).

Outra modalidade a ser pensada em termos de turismo étnico é aquele realizado em terras indígenas, que apresenta desafios bastante específicos, tanto em relação à legislação e fiscalização destes territórios, quanto em relação a uma demanda crescente por parte destes grupos que desde 2006 já reivindicam oficialmente a normatização do ecoturismo de base local. Entretanto há registros de atividades turísticas em terras indígenas desde 1993, à revelia da Funai (GRÜNEWALD, 2009, p. 101). Em São Gabriel da Cachoeira/AM, por exemplo, onde 95% de sua área se constituem em terras indígenas, a



demanda social é pelo desenvolvimento do ecoturismo turismo indígena, “promovido dentro dos limites das terras indígenas através do planejamento/gestão participante e comunitária, respeitando os valores sociais, culturais e ambientais dos diferentes povos envolvidos em que a comunidade é a principal beneficiada.” (FARIA, 2015, p. 88).

Algumas iniciativas institucionais foram refutadas por indígenas que não querem um turismo predatório em seus territórios, em outros, o problema é o acesso até as aldeias. Mesmo que não seja diretamente relacionado ao patrimônio arqueológico, se nota a forte influência da cultura material na indústria turística desenvolvida por tais populações: através da venda de artesanato, seja em participação em eventos onde são convidados e têm despesas pagas, seja nas lojas Artíndia da Funai, ou

Em mercados populares, camelôs e aeroportos de muitas cidades no país, pode-se comprar artesanato indígena das mais variadas etnias. De modo que, indiretamente, o turismo já vem há muitos anos colaborando, pelo menos em pequena medida, para as economias de algumas famílias indígenas e para a manutenção de um interesse na continuidade desses índios como tais (GRÜNEWALD, 2009, p. 103).

Em relação à implantação turística em comunidades tradicionais na Amazônia, alguns autores abordam o tema, sejam eles arqueólogos ou não, o que se configura como uma demanda que já existe na atualidade. Trouxemos como exemplo de turismo a produção e consumo da chamada cerâmica arqueológica, às vezes, inclusive, vendida como réplica, em geral acompanhada de um discurso de autenticidade que remete aos grupos pré-coloniais com a ideia de continuidade da herança cultural. E inconscientemente ou não, tais práticas agregam valor aos produtos. Segundo Schaan (2006, p. 24)

Ao produzir artesanato de inspiração arqueológica, o produtor/vendedor se vale da relação com o bem cultural resgatado do passado para agregar um valor cultural, simbólico ao seu objeto, o que vem a elevar seu valor como mercadoria.

E, na antropologia, como o turismo tem sido entendido no Brasil? Na percepção de Barretto (2003, p. 20), tal abordagem continua recorrente e ainda é um tema pouco explorado pela antropologia tanto no Brasil quanto no exterior, que se mantém focada “principalmente nos impactos na cultura, nos processos de aculturação e na questão da autenticidade”. Claro que é uma leitura de quase duas décadas, e que se contrasta com a proposta deste dossiê.



Estudos mais recentes, no entanto, têm compreendido o turismo como uma nova alternativa econômica, e vislumbrado que tal atividade também pode gerar benefícios culturais para as comunidades locais, analisando como visitantes e o turismo podem se tornar parte integral da cultura. A antropologia do turismo é um tema que tem sido explorado com base em um amplo espectro de temas que não se limitam aos impactos econômicos e sociais. Apesar da atual preferência por paradigmas mais interpretativos que político-econômicos, efetivamente não “há uma perspectiva teórica única que amarre a pesquisa antropológica sobre turismo” (GRABURN, 2009, p. 13).

Na antropologia brasileira, um exemplo interessante foi apresentado por Grünwald (2009, p. 104) a respeito das respostas de populações indígenas, que quando consultados pela Embratur e em virtude do “turismo predatório nas adjacências de suas terras, preferiram se manter afastados de fluxos turísticos, alegando não precisar desse dinheiro para viver.” Este autor também afirma que as populações indígenas que vivem na região norte do Brasil costumam demonstrar desinteresse não apenas pelo contato negativo com turismo, mas também pela falta de apoio da Funai e pela dificuldade de acesso às aldeias. Ao mesmo tempo, o turismo cultural também tem sido utilizado como ferramenta de resgate e valorização cultural de grupos indígenas que foram mais afetados pela colonização no litoral do país, como no caso dos *Pataxó* que através de apresentações inicialmente instrumentais promovidas para turistas começam a “reinventar suas tradições”.

No entanto estratégias de diálogo e participação comunitária, apesar de unânimes entre profissionais de todas as disciplinas que se envolvem em pesquisas no tema, ainda são o maior desafio da aplicação de um turismo que beneficia e impacta menos, e mais ainda no Brasil. Um projeto de turismo de base local desenvolvido no estado de Alagoas levantou questões pertinentes para a realidade brasileira (ARAÚJO; BRAMWELL, 1999). Estes autores afirmam que a formulação de políticas públicas ainda é muito centralizada, apesar de todos os esforços recentes em incluir a população nas decisões, e notaram que a maioria dos interessados que comparecia nas reuniões estavam envolvidos nas administrações públicas, e muitos outros ignoravam as reuniões mesmo sendo insistentemente convidados. Outro problema levantado por eles é que as pessoas se preocupavam muito mais com os benefícios econômicos do que com os impactos que poderiam ser gerados em longo prazo, bem como relatam sobre a dificuldade em negociar com os líderes comunitários.



Situação muito semelhante foi descrita por Schaan e Marques (2012) na Amazônia, sendo que, neste caso, o turismo arqueológico foi claramente (ab)usado como uma ferramenta política que atrapalhou o diálogo público e inviabilizou as estratégias de gestão do sítio em curto, médio e longo prazos. Mas afinal que tipo de turismo é esse que altera percepções e atribui novos valores à cultura material? E quem são estes públicos dispostos a consumir passados e tradições reinventados?

O discurso do turismo sustentável ou turismo de base local, entre outras denominações em voga, tem dominado os pesquisadores da disciplina que visam uma relação menos destrutiva da atividade. É exatamente este discurso que tem legitimado ações que não necessariamente são geradas por uma demanda comunitária. Apesar de sua extrema popularidade na atualidade, considera-se aqui o discurso de sustentabilidade como categoria contraditória e perigosa na implantação turística, especialmente em comunidades tradicionais e indígenas. Se, por um lado, ele apresenta alternativas reais de geração de renda diminuindo os impactos que o turismo pode criar; por outro, ele também pode legitimar ações colonizantes e aumentar conflitos internos em prol de uma entidade (“a comunidade”), que não é homogênea e que muitas vezes impede indivíduos de se manifestarem nas tomadas de decisão que deveriam visar um bem social comum, mas que, na maioria das vezes, beneficia poucos. Além disso, conceitos ocidentais como este, ou ecoturismo e ambientalismo, não necessariamente têm significado para povos indígenas ou para comunidades tradicionais.

É possível que o turismo bem planejado tenha o poder real de tornar o passado mais acessível para diversas pessoas, desde aquelas que se identificam com o patrimônio, porque efetivamente possuem vínculos históricos, culturais, territoriais, afetivos, até o próprio visitante que, como expectador, também desenvolve um tipo de vínculo, mesmo que efemeramente. O maior desafio é, sem dúvidas, conseguir incluir demandas e anseios de comunidades locais afetadas em propostas de aproveitamento turístico antes mesmo de sua instalação. Mas o turismo, por definição, é uma atividade de difícil controle depois de sua implantação. Tal integração demanda um planejamento extenso e a efetiva participação comunitária desde seu planejamento.

Importante contribuição a este tema foi publicada por Álvaro Banducci Jr. em 2003. Ele relata os devastadores efeitos econômicos e ambientais instalados provenientes



do turismo da pesca ao longo do rio Paraguai, já decadente na época, e faz um detalhado diagnóstico de potencial para desenvolvimento de turismo cultural, incluindo comunidades indígenas e ribeirinhas, que em sua opinião poderia abrandar problemas sociais e fortalecer patrimônios locais (dentre estes diversos sítios arqueológicos). O autor tem uma visão otimista do turismo mesmo conhecendo seus impactos, e ao se referir às narrativas como formas de acesso à memória coletiva, se questiona: “não poderia o turismo, no rio Paraguai, com as narrativas que dele decorrem, produzir efeito semelhante, ou seja, estimular nossa memória e, com ela, nosso sentimento de coletividade, nossas tradições e identidade cultural?” (BANDUCCI JR., 2003, p. 137). Ele certamente defende que sim, e argumenta que

A viagem, vivenciada através dos registros do passado, e o turismo como experiência de constituição permanente de um relato futuro podem, nesse sentido, ser elementos afirmadores da identidade na medida em que desencadeiam, reforçam e reproduzem impressões, sentimentos e conhecimentos dos grupos nativos sobre si mesmos e sobre o “outro”. Para que isso ocorra, no entanto, o fazer turístico deve ser, como nos mostram as experiências dos museus de sítio, ecomuseus, entre outros, tal como descritas por Barreto (2003) e MacDonald (1997), um processo aberto a todos. Ele deve visar tanto os viajantes quanto a população nativa. Deve ser uma experiência de inclusão, em que os próprios trabalhadores do turismo tenham a oportunidade de participar como agentes, dotados de autonomia e direitos, e como “viajantes” eles próprios, como turistas em busca de seu passado e de sua cultura (BANDUCCI JR., 2003, p. 138).

E EM BELÉM, ARQUEOLOGIA É UM NEGÓCIO?

A arqueologia no Pará faz parte do cotidiano na cidade de Belém. Nota-se a arqueologia na capital pela presença de sítios arqueológicos evidenciados em obras interventivas, como se percebe na Praça do Carmo, na Estação das Docas e no Forte do Presépio, ou ainda pela presença de exposições temáticas em vários museus. E mais ainda pela popularização de réplicas e peças cerâmicas com inspiração arqueológica à venda em diversos pontos comerciais da cidade (Figura 9). A *cerâmica arqueológica* é um artesanato de fácil percepção, e que tem sido estudado com frequência em nível interdisciplinar. Entretanto existem outras categorias de artesanatos e produtos do tipo *souvenir* que se apropriam de elementos motivos arqueológicos para agregar valor ou para reforçar uma identidade paraense/*belemense* (BARRETO, 2013).





Figura 9 – Loja de equipamento turístico de Belém/PA; detalhe para as cerâmicas à venda
Fonte: Foto de Renata de Godoy, Estação das Docas, Belém em 23 nov. 2018

O turismo arqueológico no Brasil e no Pará tem recebido atenção de vários autores; em Belém, expoentes da área como Edithe Pereira, Sílvio Figueiredo e Márcia Bezerra já realizaram, inclusive, um workshop sobre o tema com apoio do IPHAN, que resultou em um livro (FIGUEIREDO; PEREIRA; BEZERRA, 2012). No entanto, nota-se que o tema comodificação não é uma abordagem recorrente. Há, sim, debates muito maduros acerca do artesanato com inspiração arqueológica (BEZERRA, 2020) ou debates acerca de pilhagem e venda em contextos turísticos especificamente na Amazônia (GUIMARÃES, 2012; ALFONSO; PY-DANIEL, 2013). Porém as discussões sobre a arqueologia enquanto recurso econômico ainda são escassas, tendo como importante expoente a pesquisa já citada aqui de Denise Schaan (2006).

A partir do exposto, é importante salientar que a produção artesanal da cerâmica com inspirações arqueológicas ou com grafismos próprios possui um papel essencial na manutenção de um saber ancestral que perdura até os dias atuais. Como podemos perceber, há um forte apelo identitário e cultural ao se produzir a cerâmica com inspi-

rações arqueológicas, onde o ceramista/vendedor se apropria de um passado para se agregar um valor mercadológico, criando, por vezes, significados das representações da cerâmica inexistentes. São parte de um processo de *comodificação* que atende anseios capitalistas (SCHANN, 2006). Contudo não é objetivo da arqueologia ou da antropologia reivindicar uma cultura “pura”, mas pensar no papel que essas transformações possuem hoje e ainda tentar compreender seu impacto em relação a uma perspectiva de mercado. A Arqueologia, nesse sentido, assume um papel relevante e essencial, pois recupera as vozes das comunidades oprimidas pela modernidade e que lutam pela continuidade de suas tradições e seus espaços (GONZALEZ-RUIBAL, 2010). Independentemente de serem tradições inventadas ou não.

Com o projeto do museu *Goeldi Replicando o Passado: Socialização do Acervo Arqueológico do Museu Goeldi através do Artesanato Cerâmico de Icoaraci*, os ceramistas do Paracuri possuem a oportunidade de ter o contato com peças do acervo arqueológico e reproduzi-las de acordo como foram confeccionadas pelos povos ameríndios ceramistas, valorizando o passado e, ao mesmo tempo, divulgando e potencializando o polo cerâmico do Paracuri, adicionando um valor cultural e simbólico, já que se trata da mais antiga instituição de investigação científica da Amazônia, nos objetos produzidos. Inspiradas pela Etnoarqueologia, utilizando métodos etnográficos, foi possível a análise e compreensão de certas apropriações contemporâneas do passado e trazer para o presente um debate mais próximo das comunidades vivas inseridas nesse contexto. Muitos pesquisadores têm se preocupado em registrar e fomentar estes contextos, o que comprova a possibilidade de um diálogo simétrico entre instituições e pessoas.

Tal pesquisa é importante para que se analise e compreenda a extensão da participação do patrimônio arqueológico e na conscientização da sua importância, nas suas reapropriações e novos significados. Em Belém, onde é possível encontrar arqueologia em todos os seus equipamentos turísticos, é possível dizer que mesmo invisível em muitos momentos, a presença da arqueologia na contemporaneidade incentiva a construção e preservação de identidades, de histórias e de memórias. Neste caso, a importância da representação que a cerâmica possui para dezenas de famílias que tiram seu sustento de sua confecção e venda, seu papel fundamental no âmbito social, cultural e na materialização de uma continuidade de uma tradição.



REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Camilla. Cultura material, memória e o lugar do outro na produção do conhecimento: histórias possíveis a partir do trabalho de campo da arqueologia. In: XI Encontro Regional Sudeste de História oral – Dimensões do Público: comunidades de sentido e narrativas políticas, 2015, Niterói, RJ. **Anais Eletrônicos...** Niterói, 2015. Disponível em: <1429972054_ARQUIVO_Textopinsc.pdf (historiaoral.org.br)>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ALCÂNTARA, Camila Moura; GODOY, Renata de. Os Museus Emanados da Periferia e suas Perspectivas para o Turismo Cultural: Uma Proposta da Amazônia Urbana Brasileira. **O Ideário Patrimonial**, Lisboa, n. 8, p. 73-91, 2017.

ALFONSO, Louise Prado; PY-DANIEL, Anne Rapp. Uma viagem pelo rio Tapajós: narrativas do presente sobre o passado na região de Santarém. **Revista Ciência e Cultura**, Campinas, v. 65, n. 2, p. 42-44, 2013.

ANDRADE LIMA, Tania. Cerâmica indígena brasileira. In: RIBEIRO, Darcy (org.). **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1986, p. 302. ISBN 978-85-25063-30-4.

BANDUCCI JR., Álvaro. Turismo cultural e patrimônio: a memória pantaneira no curso do rio Paraguai. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 117-140, 2003.

BARRETO, Cristiana. Corpo, comunicação e conhecimento: reflexões para a socialização da herança arqueológica na Amazônia. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 112-128, jul. 2013. Disponível em: <Vista do Corpo, comunicação e conhecimento: reflexões para a socialização da herança arqueológica na Amazônia (sabnet.org)>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BARRETO, Cristina; LIMA, Helena P.; BETANCOURT, Carla J. (Org.). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém, PA: IPHAN: Museu Emílio Goeldi, 2016. ISBN 978-85-61377-82-0.

BARRETTO, Margarida. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 15-29, 2003.

BERNARD, H. Russell. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. 3ª Edição. Walnut Creek: Altamira Press, 2002. ISBN 1442268840.

BEZERRA, Márcia. A urna bordada: artesanato e arqueologia na Amazônia contemporânea. **Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas**, Belém, v. 15, n. 3. p. 1-17. Disponível em: <editora.museu-goeldi.br/bh/artigos/chv15n3_2020/urna(bezerra).pdf>. Acesso em: 01 jul. 2021.

FARIA, Ivani Ferreira de. Ecoturismo indígena e identidade: o desafio do planejamento. In: FIGUEIREDO, Sílvio José de Lima; NÓBREGA, Wilker Ricardo de mendonça; AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. **Perspectivas contemporâneas de análise em turismo**. Belém, PA: NAEA, 2015. p. 80-107. ISBN 9788571431362.

FIGUEIREDO, Sílvio L.; PEREIRA, Edithe; BEZERRA, Márcia (org.) **Turismo e Gestão**



do Patrimônio Arqueológico. Belém, PA: IPHAN, 2012. p. 196. ISBN 978-85-60909-07-0.

FIGUEIREDO, Sílvio L. **Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia.** Belém, PA: NAEA/UFPA, 1999. p. 207. ISBN 85-7143-009-8.

GNÉCCO, Cristobal. Escavando arqueologias alternativas. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 8-23, dez. 2012. Disponível em: <Vista do Escavando arqueologias alternativas (sabnet.org)>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GODOY, Renata de. O ‘antropólogo turista’ e a arqueologia no Brasil: da retórica à prática. **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, Espanha, v. 17, n. 6, p. 1191-1204. 2019.

GODOY, Renata de. **Por uma Arqueologia no Contemporâneo:** refletindo sobre (re) apropriações e (re) significações de bens culturais em comunidades na Amazônia. 2018. 18 f. Projeto de pesquisa – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

GODOY, Renata de. Arqueoturismo no cerrado e na Amazônia: dois pedaços de um mesmo pote. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 87-107, 2015.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. De la etnoarqueología a la Arqueología del presente. In: SALAZAR, J. et al. (org.). **Mundos tribales: una visión etnoarqueológica.** Valencia: Museo de Prehistoria, 2009. p. 16-27. ISBN 978-84-7795-523-8.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Contra la Pospolítica: Arqueología de la Guerra Civil Española. **Revista Chilena de Antropología**, Santiago, v. 2, n 22, p. 9-32, jul. 2010. Disponível em: <5271 Revista chilena antropologia 22 Interior.indb (csic.es)>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GOSSELAIN, Olivier. To hell with ethnoarchaeology! **Archaeological Dialogues**, Cambridge, v. 23, n. 2, p. 215-228, dez. 2016.

GRABURN, Nelson. Antropologia ou Antropologias do Turismo? In: BARRETTO, Margarida; et al. **Turismo e Antropologia: novas abordagens.** Campinas, SP: Papirus, 2009. p. 13-52. ISBN 978-8530809003.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Indigenismo, turismo e mobilização étnica. In: BARRETTO, Margarida et al. **Turismo e Antropologia: novas abordagens.** Campinas, SP: Papirus, p. 97-118, 2009. ISBN 978-8530809003.

GUIMARÃES, Adriana Meinking. **Aproveitamento Turístico do Patrimônio Arqueológico no Município de Iranduba, Amazonas.** 2012. 273 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia do MAE, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LIMA, Helena Pinto; MORAES, Bruno Marcos; PARENTE, Maria Tereza Vieira. Tráfico” de material arqueológico, turismo, e comunidades ribeirinhas: experiências de uma arqueologia participativa em Parintins, Amazonas. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 8, p. 19-30, 2013.

OLIVER, Laurent. The past of the present: archaeological memory and time. **Archaeological Dialogues**, Cambridge, v. 10, n. 2, p. 204-213, dez. 2004.



SALES, Taynara Soares do Nascimento. **Arqueologia contemporânea na Amazônia: reprodução da iconografia e cerâmica da cultura Maracá**. 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

SCHAAN, Denise Pahl. Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 19-30, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635819>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SCHAAN, Denise Pahl; MARQUES, Fernando L. “Por que não um filho de Joanes? Arqueologia e comunidades locais em Joanes, Ilha de Marajó.” **Revista de Arqueologia/Sociedade de Arqueologia Brasileira**, v. 25, n. 1, p. 106-124, 2012.

SILVA, Fabíola A. Etnoarqueologia: Uma Perspectiva Arqueológica para o Estudo da Cultura Material. **Métis: História & Cultura**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 16 p. 121-139, dez. 2009. Disponível em: <Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material | Silva | Métis: história & cultura (ucs.br) >. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOUZA, Doracy M. **O Trabalho dos Artesões Ceramistas em Icoaraci, Belém/PA: Contribuições aos Estudos Sobre Dinâmica da Amazônia Brasileira**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas Universidade Federal do Pará, Pará. 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/4355>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

TROUFFLARD, Joanna. O que nos dizem as coleções da relação entre moradores e vestígios arqueológicos na região de Santarém, Pará? In: SCHAAN, Denise P. **Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá**, Pará. Belém, PA: GKNoronha, 2012. p. 7-72. ISBN 978 2 7071 5212 1.

WEARING, Stephen; NEIL, John. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. Tradução Carlos Szlak. 2 ed. Barueri, SP: Manole, 2014. ISBN 978-85-204-3340-9.

Recebido em: 15/12/2020

Aceito para publicação em: 06/07/2021

